

ASTRONOMIA

O SOL

De todos os objetos que o imenso espetáculo da Natureza apresenta aos nossos olhos, nenhum, sem contradição, tem ferido tanto a atenção dos homens como o Sol, o astro resplandecente sob o qual o nosso planeta e a sua vida não teriam saído do nada.

O Sol, ponto quasi imperceptível que cintila timidamente no fundo do espaço, no seio dessa nuvem cósmica, palida e esbranquiçada, a que chamamos Via Láctea e que nos aparece como um belo disco branco, ao meio dia, vermelho sanguineo, a tarde, quando declina, é um globo imenso de formas colossais ultrapassam, em proporções inimagináveis, o nosso átomo terrestre.

Efetivamente, o Sol é, em diâmetro, cento e oito vezes e meio maior, do que a Terra, quer dizer: se representarmos o nosso planeta por um globo de um metro e meio de diâmetro, precisaríamos de representar o Sol por uma esfera cujo diâmetro seja de cento e oito metros e meio, para conservarmos as proporções entre os dois.

O nosso mundo, colocado sobre o Sol com todas as suas magnificências, riquezas, montanhas, mares, monumentos e habitantes, não seria mais que um ponto quasi imperceptível. Colocando a Terra no centro do Sol e deixando a Lua girar à sua distancia habitual de 384.400 quilômetros, esta não chegaria senão a metade da distancia da superfície solar.

Em volume, o Sol é 1.280.000 vezes menor do que o nosso planeta, e 324.000 vezes mais pesado, em massa. Se esse gigante se nos apresentasse sob o aspecto de um pequeno disco, é por causa do seu afastamento. É inegável que as suas dimensões aparentes nos não revelam a sua potente majestade.

Se o observarmos com instrumentos ou se o fotografarmos, verificamos que a sua superfície não é unida, como se poderia julgar, mas sim granulada, e apresentando inúmeros pontos luminosos disseminados sobre um fundo mais escuro.

Essas granulações assemelham-se um pouco aos poros da casca de uma laranja. Por vezes, esses poros alargam-se sob a influencia de perturbações que sobreveem na superfície solar, e dão origem a uma mancha. Durante muitos séculos, os homens, sábios ou profanos, recusaram-se a admitir a existencia dessas manchas que consideravam como uma mácula para o rei dos céus. Sendo o astro do dia incorruptível, só insensatos podiam pôr em duvida o seu esplendor immaculado. Assim, quando Scheiner, que foi um dos primeiros a estudar as manchas solares, assinalou, em 1610, o resultado das suas observações, ninguém quiz acreditar-lhe.

Contudo, depois das observações de Galileu e de outros astrónomos, tiveram que render-se à evidencia, e, coisa mais curiosa ainda, de reconhecer que não justament essas manchas que nos permitiam penetrar no estudo da constituição física do Sol.

As manchas solares são de duas formas arredondadas e de duas cores. Uma é negra e se chama umbra, e a outra é cinzenta e se chama penumbra. A umbra tem uma extensão limitada no diâmetro, e a penumbra estende-se ao brilho da superfície solar, mas, de fato, não ultrapassa mil vezes superior em intensidade a umbra.

Essas manchas, que não são vistas pelos observadores da Terra sem o auxílio de lunetas, são na realidade verdadeiramente gigantescas. Já se têm medido algumas cujo diâmetro iguala dez vezes a largura da Terra, ou seja, cento e vinte mil quilômetros.

Alguns dessas manchas têm tais dimensões que são visíveis a olho nu—prudentemente defendido por um vidro fumado.

Não se formam instantaneamente, anunciam-se primeiro por uma grande agitação da superfície solar, por uma especie de vagas luminosas. Nessa agitação, vê-se aparecer uma pequena mancha, geralmente circular, que se alarga progressivamente para atingir um massimo, e diminui em seguida, segmentando-se frequentemente. Uma, só, são visíveis durante alguns dias, outras, duram mezes inteiros. Em geral, as manchas não são muito profundas. São aberturas cuja profundidade não iguala o diâmetro da Terra, o qual, como vimos, é oito vezes mais pequeno que o do Sol.

As manchas solares não estão imóveis, e o seu movimento mostra-nos que o astro rodia sobre si mesmo em cerca de vinte e cinco dias.

Esta rotação foi determinada, em 1611, por Galileu, que, precisamente observando as manchas, notou que elas atravessavam o disco solar de Leste para Oeste, seguindo linhas obliquas em relação ao plano da elliptica, e que desapareciam no bordo occidental, quatro dias depois da sua chegada ao bordo oriental. Algumas vezes, uma mesma mancha, depois de se haver conservado invisível durante quatorze dias, reaparece sobre o bordo oriental, onde já surtira vinte e oito dias antes. Avança em seguida para o meio do Sol, que atinge sete dias depois, desaparece de novo

vo no Ocidente, continúa a sua marcha sobre o hemisfério oposto ao nosso, para voltar ao alcance da nossa observação ao fim de duas semanas, quando não se desfaz no intervalo. Esta observação prova que o sol gira sobre si mesmo. A reaparição das manchas é, em média, de vinte e sete dias, porque a Terra não está imóvel e porque na sua traslação em volta do astro do dia, movimento que se efetua no mesmo sentido que a rotação solar, ela vê ainda as manchas dois dias e meio depois de haverem desaparecido do ponto onde ela se encontrava vinte e cinco dias antes. Na realidade, a rotação do Sol é de cerca de vinte e cinco dias e meio; mas, fato curioso, esse globo não gira em todo conjunto da sua massa simultaneamente, como a Terra; as velocidades de movimento da superfície solar vão diminuindo do equador para os pólos. Esta rotação é de 25 dias no equador, de 26 no vigésimo quarto grau de latitude Norte ou Sul, de 27 no trigesimo-setimo grau, de 28 no quadragesimo oitavo. As manchas formam-se geralmente entre o equador e essa latitude. Nunca se observaram em redor dos pólos.

Nos bordos do Sol, notam-se ainda rejões muito luminosas, que em geral rodeiam as manchas, e às quais se dá o nome de *fiducias*. Estas zonas, que muitas vezes ocupam grande extensão, parecem ser a sede de formidáveis perturbações que incessantemente revolucionam a face do astro soberano, e, por vezes, precedem a formação das manchas. O nosso Sol, na apparencia tão calmo e majestoso, é teatro de fantásticas conflagrações. As erupções vulcánicas, as mais espantozas tempestades, os mais terrificantes cataclismos que se produzem no nosso pequeno mundo, são simples zéfiros comparados com as tempestades solares que erguem nuvens de fogo capazes de engulir, de um só trago, globos das dimensões do nosso planeta.

Comparar os vulcões terrestres ás erupções solares, é comparar a luz humilde de uma candeia ao clarão do incendio que devorasse uma grande cidade.

As manchas solares variam em períodos muito regulares, de onze a doze anos. Em certos anos, são vastas, numerosas e frequentes, por exemplo em 1833; em outros anos, são raras e pequenas, por exemplo em 1901.

Nota curiosa: o magnetismo terrestre e as auroras boreais seguem uma oscillação paralela ás das manchas solares, e o mesmo parece succeder com as temperaturas.

Devemos olhar o Sol como um globo de gaz em combustão, ardendo a uma alta temperatura, e despedindo prodigiosa quantidade de calor e de luz. A superfície deslumbrante desse globo chama-se *fotosfera*—esfera de luz. Está em perpetuo movimento, como as ondas de um oceano de fogo cujas chamas, rozeas e transparentes, medem quinze mil quilômetros de altura. Essa camada de chamas rozeas que se denomina *chromosfera*—esfera colorida—é transparente; não pôde vêr-se diretamente, mas apenas durante os eclipses totais do Sol, quando a Lua occulta inteiramente o disco deslumbrante, ou com o auxilio do spectroscopio. O que nós vemos do Sol, é a sua superfície luminosa, a sua *fotosfera*.

Dessa superfície movimentada, saem constantemente erupções gigantescas, imensas foixes de chamas, turbilhões de fogo projetados com uma espantosa velocidade a alturas prodigiosas.

Durante longos anos, os astrónomos estiveram perplexos sobre a natureza dessas massas inflamadas chamadas *protuberancias*, que se projetam como fogos de artifício, e que não eram visíveis senão durante os eclipses totais do Sol; mas, graças a uma enjoozocha descoberta de Jansen e de Lockyer, essas erupções podem, agora, ser todos os dias observadas ao spectroscopio.

Estas protuberancias, que revestem todas as formas imagináveis, parecem-se, por vezes, com as nossas nuvens de tempestade; erguem-se acima da *chromosfera* com uma velocidade inconcebível, que chega a ultrapassar duzentos quilômetros por segundo, e que as eleva a alturas fantásticas, que atinham trezentos mil quilômetros!

Essas chamas enormes rodeiam completamente o Sol. Algumas vezes lançam-se no espaço como esplendentes penachos rozeos, graciosamente recurvados; outras, erguem para o céu as suas cristas luminosas que parecem folhas soltas de palmeiras gigantes.

Tem-se visto erupções solares projetar-se, em alguns minutos, a mais de cem mil quilômetros de altura e cair, em seguida, em chuva de fogo, sobre essa especie de oceano de pocha, cujas chamas nunca se extinguem.

A observação, junta á análise espectral, demonstra que as protuberancias são causadas por formidáveis explosões produzidas no proprio corpo do Sol, e projetam no espaço, com força consideravel, massas de hidrogenio incandescente.

Mas, não é tudo. Durante os eclipses, nota-se em redor do disco negro da Lua, collocado deante do Sol, cuja luz intercepta, uma aureola rozea e brilhante da qual se destacam longos penachos luminosos chamados *algretes*, e que se projetam muito longe da superfície solar. Esta aureola, cuja natureza é ainda desconhecida, chama-se *coroa*. É uma especie de atmosfera imensa, extremamente rarefeita. O nosso Sol é pois um brazeiro ardente, um globo de gaz agitado por tempestades fenomenaes, cujas chamas se estendem a distancias estrordinarias.

Mas, qual é o verdadeiro calor desse foco incandescente?

Os melhores calculos conduzem a avaliar em sete mil graus centigrados a temperatura

A RAIVA DA MATILHA

Reproduzimos abaixo a circular que o Centro U. dos P. de Hoteis e Classes Anexas está distribuindo pelos seus parceiros, cujos interesses procura defender. Como, aliás, o proprio leitor terá a oportunidade de averiguar, é esse documento um primor de lojica, de raciocinio e de estilo, e levará certamente á immortalidade os seus autores, e, ao mesmo tempo, é a mais eloquente demonstração dos intuitos reacionarios a que obedecem esses senhores que andam para aí, a aumentar desmesuradamente o abanico, á custa do nosso suor.

Fazemos esta segunda edição da arenga patronal como justa retribuição á sua jentileza reproduzindo algumas passagens do nosso manifesto: «abaixo a tirania!», precisamente nos trechos de mais justos comentarios...

Exmo. Sr.

«A Diretoria do Centro União dos Proprietarios de Hoteis e Classes Anexas vem pela presente chamar a vossa esclarecida atenção para o fato que em seguida espõe pedindo para a cooperação de V. Ex. em beneficio da classe e no proprio beneficio de V. Ex.

«São por demais conhecidos os meios usados por uma Associação de classe com o fim de amesquinhar-nos e deprimir-nos, usando de termos por demais indignos. Procurando elles chamarem para si uma atmosfera de compaixão e simpatia, referimo-nos ao CENTRO COSMOPOLITA composto na sua quasi unanimidade de elementos perniciosos e turbulentos, pregando a anarquia em toda a parte e principalmente nas cazas onde exercem as suas funções empregados, procurando por todos os meios e modos prejudicar aqueles que não se dão por satisfeitos com os auxiliares, e que no entanto verdadeiros inimigos de toda a estenção da palavra, a vista do posto espera-o «Centro União dos Proprietarios de Hoteis e Classes Anexas» e de V. Ex. procurará dispensar os seus vultuosos inimigos e substituí-los por indivíduos que cumpridores de seus deveres.

«Pela primeira vez em dos ultimos panfletos espalhados nos quatro ventos por esses inimigos porá V. Ex. a avaliar da justeza do nosso pedido e que de V. Ex. agradeço.

A DIRETORIA.

(Segue-se a transcrição de trechos de um manifesto do Centro Cosmopolita.)

da superfície do Sol. A temperatura interior deve ser muito mais elevada. Um cadinho de ferro em fuzão lançado sobre o Sol, equivaleria a um ducho gelado.

Podemos fazer uma ideia dessa potencia calorifica estabelecendo algumas comparações. Assim, o calor emitido pelo Sol deve ser igual ao que produziria a combustão de onze quatrilhões e seiscentos mil bilhões de toneladas de carvão de pedra, ardendo simultaneamente. Este calor faria ferver, por hora, dois trilhões e novecentos milhões de quilômetros cubicos de agua que estivesse á temperatura do gelo.

Como se mantém esse calor? Uma das principais causas do calor do Sol é devida á sua condensação. Segundo todas as probabilidades, o globo solar representa o núcleo de uma vasta nebulosa que se estendia primitivamente para além da órbita de Netuno, e que, pela sua contração, acabou por formar esse foco central. Em virtude do principio da transformação do movimento em calor, essa condensação, que ainda não chegou ao seu termo, basta para elevar esse globo colossal á sua temperatura e para a manter durante milhares de anos. Acreditamos que uma formidável quantidade de meteoros ali caem perpetuamente.

O Sol pesa trezentas e vinte e quatro mil vezes mais que a Terra, quer dizer, mil oitocentos e setenta e setenta e sete quilogramas, isto: 1.870.000.000.000.000.000.000.000.000.

Camilo Flammarion

CONTOS E NARRATIVAS

Refleções de um tipo

Desde as duas horas da manhã que é notada uma animação estranha.

Pelas ruas, fortes camponezes de sapatos ferrados, chapéu d'abas largas, blusa azul ou negra e grossos bastões á mão, marcham pezadamente; uma interminavel fila de carroças, vacas, porcos e toda especie d'animais é conduzida pelos campones que de caminho conversam ruidosamente, num patuá que só eles entendem.

Esta longa fila de homens e de bestas vai em demanda ao «campo de feira».

Ela vem de todos os logares, por todos os caminhos. Os animais se vão alinhando, pouco a pouco, a espera dos compradores. Uma vez que estes têm escolhido e comprado, as bestas lá seguem, num passo pezado e de cabeça baixa; sente-se uma grande e morna tristeza nos seus olhos. Ao vel-as seguir os compradores, dir-se-ia que elas compreendem o horror de sua desdita.

As pobres bestas vão p'ro matadouro!

O comprador, ao contrario, sorriente, parece triunfante, feliz—talvez—de sua aqizição.

Ele não tem piedade!

O vendedor tambem não tem nenhum pezar: a besta foi vendida a bom preço; ele acaba de fazer um soberbo negocio. Já desenvolve grandes projetos. E' o pão assegurado por algum tempo ainda... Num passo alegre ele volta á aldeia onde de novo continuará a criar e a vender outros animais.

No mesmo dia, outra feira. Logo de manhazinha os preparativos são ultimados nas cazas. Depois um resoar de clarins, um rufar de tambor, um panotricolor a flutuar ao vento, e um rebancho de jovens de 20 anos: que dece para a cidade. Eles saem do todas as ruas, gritando, cantando e rindo. Diante da Prefeitura numerosos compradores exaltam a ambição e a vaidade dos rapazes.

Um após outro, são todos chamados. Numa das salas, preparada condignamente para o efeito, os altos dignatarios do galão e do sabre apalparam e ezaminam os pobres moços. O resultado é esperado com impaciencia. Cá fôea, cada vez que um deles sai, ainda com as vestes mal arranjadas, pressurozo em dar o resultado aos caramadas que esperam, gritos se elevam: Bom para o serviço! Recuzado! Reformado!

Depois o rebanho se forma. Novo resoar de clarins e outra vez rufa o tambor abrindo a marcha. Um bando salta ou dança a ajitar uma bandeira tricolor; outros seguem-no atirando ao ar uma grande bengala que repetidas vezes apanham para jogar de novo. Por ultimo um grupo de engalonados e condecorados, fecha o rancho a urrar dezesperadamente. E ei-os a percorrerem as ruas da cidade, felizes desta dia que bem cêdo maldirão.

Em cada taberna fazem alto, e então, o vinho branco e o absinto são consumidos profuzamente. Os botequinhos regozijam-se. As cabeças se atordoam, as pernas se enfraquecem. Os pobres rapazes perdem toda a compostura, toda dignidade!

E' a feira da besta humana.

Estás duas feiras seguem a curto intervalo. Que coincidência!

Só ha diferença entre ellas, na attitude de seus condenados.

Uns—as bestas—vão tristes, como lastimando silenciosamente a sorte que as aguarda. Na fizioomia intelijente dos irracionais (que irrazão!) lê-se a saudade dos tempos passados nos campos, nos prados e nos estabulos. São estes que os homens desdenhosos chamam de seres inferiores.

Os outros—os homens—vão ber-

OS ESPULSOS DE S. PAULO

Depois de trez mezes chegamos as primeiras noticias dos nossos companheiros espulso de S. Paulo e mandados para Barbados a bordo do «Curvelo».

E' sabido, pelo noticiario dos jornais, que dos nove espulso, trez ficaram presos no Recife, os quais, procurados por amigos e companheiros interessados em obter a sua liberdade, sempre foram negados pela autoridade policial, privando-os por esse meio infame das possibilidades de defeza.

Os paizes civilizados, governados sob principios absolutistas, reacionarios ou democraticos, condenam o sequestro, mas todos o praticam quando querem encobrir os seus crimes.

Para fazer respeitar os principios de justiça homens tem havido em todos os campos sociais, que têm sabido pugnar pelo respeito que deve merecer a vida e a liberdade dos nossos semelhantes.

A iniquidade do sequestro dos nossos companheiros, sem que nenhuma lei autorize tal fato, constitui uma barbaridade e deixa-nos uma triste ideia dos defensores das liberdades desta democratica Republica.

Não ha infamia que se possa comparar ao procedimento da imprensa brasileira; foram os seus representantes que conseguiram a terminação do movimento grevista de S. Paulo, em julho passado; foi um ponto bem esclarecido na reunião mista de operarios, jornalistas e patrões, que o movimento terminaria mediante as condições estabelecidas, entre as quais figurava a que dizia não seriam conservados nas prizões aqueles que o estavam por motivos da greve, bem como seria respeitada a liberdade do Comité de Defeza Proletaria.

Terminado o movimento restava que cada uma das tres partes, belijerantes e arbitral, cumprisse o seu dever; tal não se deu, porém, os capitalistas paulistas romperam o accordo, despedindo do trabalho a todos os operarios que haviam tomado parte ativa na greve; as autoridades policiaes e serviço dos Matarazzo, Crespi, Gamba e outros varios, quando menos se esperava, covarde, criminozo e arbitrariamente, prenderam todos os que haviam tomado parte no aludido comité, praticando toda a sorte de violencias, desde a violação do domicilio a altas horas da noite aos castigos corporaes. Mas tudo isto é justificavel, tratando-se de quem se trata; uma pergunta innocente surge em todas as bocas: e os jornalistas? Ora! Os jornalistas sabem que os operarios não podem comprar a sua pena, é mais rendoso vende-la aos patrões e policiaes, isto justifica tudo, honra, dignidade, altruismo, compromissos, são coisas venais.

Novo operarios deportados, nove familias na miseria, outros operarios ameaçados de espulso, ainda outros presos, que importa? Sim, que importa isto aos jornalistas? Importaria si os seus clamores fossem acompanhados das harmonias do tilintar do ouro, este está com os carrascos e com os carrascos estão logicamente os jornalistas.

Chamou-se de criminozos aos anarquistas, por conceber e propagar ideias de justiça e equidade, como chamaremos nós os defensores desta ordem de couzas, que tanto avilta e amesquinha os seres humanos? Nós não reconhecemos o valor das leis, porque isto importa e é subordinado ao dinheiro, mola real do sistema capitalista, só assim podemos justificar o crime que a policia do Recife, a mando dos sua colega paulista, está praticando, ao conservar incommunicaveis sessenta e seis dias os trez passageiros do «Curvelo», violando assim todas as leis que os nossos legisladores até hoje têm fabricado, e mais as leis de justiça e civilização humanas.

Não podemos deixar de censurar o procedimento covarde de varias organizações opera-

rando, titubenates, não tendoneste dia nenhuma ideia de sua sorte; vão para o matadouro. Que importa, porém a situação que lhes está reservada: eles se divertem.

O cerebro é couza nula, mercê dos vapores atordoantes do alcool e do tabaco.

E, sobre as faces de brutos, selé uma innocencia que dezola.

Os primeiros provocam piedade; os outros causam-nos tristeza!

Renato Micheau.

A recompensa

Estavamos em Julho.

Havia anos que a Europa inteira se debatia nas garras duma tremendo guerra comercial e de conquista. Complicara-se dia a dia a situação e de tal forma, que o ezército de Alfonso XIII acabara por invadir o microscopico Portugal pelas alturas de Castelo Rodrigo.

Um clamor atterado e sinistro partia de toda a parte contra os invazores.

Os patriotas inflamados badalavam aos quatro ventos incitando o povo e os soldados a unirem-se heroicamente para a defeza da nação; e a ideia aventada dum levantamento em massa em barricadas inacessiveis, ganhava terreno, com a rapidez de raio, no coração sensível de todos os portugueses. E' que estes, na verdade, excitados até á medula por essa vozearia marcenaria, ausiliada pela grande imprensa, mensajera abominavel que já fazia circular a noticia tendenciosa de horrozos massacres praticados pelos espanhols na sua marcha sobre a capital, manifestavam-se ruidosamente, do norte ao sul do paiz, contra a plaga espanhola.

Estava, pois, no seu auge o mais dezenfreado nacionalismo. Imperava a mais feroz e nefasta reação militarista!

Carlos era natural duma pequena aldeia dos arredores de Lisboa. Os ecos da invasão tambem lá se haviam repercutido e ele, rapaz forte e decidido, tinha corrido a alistarse na leição dos combatentes.

A sua partida a cena foi comovente. A sua mãe e a sua noiva, os seus parentes e amigos toda a aldeia emfim, chorava e abraçava-o com ardor; e, á partida do comboio, á medida que este se ia afastando no horizonte, os lencos agitavam-se como num derradeiro adeus.

Entretanto Carlos pensava nos próximos feitos d'armas.

Havia de matar muitos espanhols, muitos! para que tão grandes patifes não voltassem a intentar apoderar-se de tão lindo torrão como Portugal. Era preciso dar-lhes uma lição! Era necessário demonstrar-lhes que os portugueses ainda amavam a sua terra e que, a quem ousasse tocar na sua independencia, lhes havia de sair caro o atrevimento! Sim, os portugueses—estava disso bem seguro!—já jamais negariam as suas qualidades de sucessores dignos da padeira d'Aljubarrota e dos qua-

renta fidalgos, heróis veneraveis que tão bem haviam sabido honrar a patria queirida. A sua alma nunca olvidaria a figura ezerranda de Miguel de Vasconcelos morto a tiros, em 1640, dentro dum armário, como um exemplo a apontar aos vendidos e traidores...

Completamente absorto nestes pensamentos, debruçado na janela da carruagem tal como havia deixado o apedeiro da sua terra, eis que um agudo silvo da locomotiva lhe anuncia a chegada á capital. Carlos, apadeado e sempre á pressa, vai imediatamente apresentar-se ao quartel general. E qual não é o seu contentamento quando, na manhã seguinte á da sua apresentação, parte incorporado no primeiro contingente que saia ao encontro do inimigo.

Um comboio pezado e lento condu-lo ao matadouro resfolegando a custo... Dir-se-ia que se lhe cortavam as cordas do coração por conduzir, a tão macabro fim, aquele montão enorme de carne humana...

Todavia chegam ao seu destino sem novidade... Carlos tomou parte em numerosas batalhas. Vencedores a principio, os espanhols foram finalmente rechacados e obrigados a bater em retirada.

Avidos, comatudo, de sangue e de révanche

e não satisfeitos com a vitória obtida pelas suas armas, os portuguezes invadem por sua vez tambem e penetram em territorio seu.

Então as atrocidades foram infindas!

Povoados e campos que tinham a desdita de cair debaixo das suas patas, eram brutalmente devastados e incendiados numa fúria louca de destruição. Officiaes e soldados confraternizavam selvaticamente na consumação do crime e do deboche; e as cabeças dos vencidos eram levadas em triunfo nas pontas das baionetas!

Quanto luto e quanta dor, quanta tristeza e miz-ria!

Teve Carlos a infelicidade de ser gravemente ferido numa batalha perto de Toledo. E, impossibilidade de continuar na pelega e de trabalhar, fizeram-no regressar á capital a caminho da sua terra.

Quando a sua chegada constou, os periodicos de grande circulação teceram-lhe elojiosas referencias, chamaram-lhe um heroico rapaz, um autêntico decendente de Nun'Alvares, mas... dias depois calavam-se por completo.

Ah! quão distantes iam as promessas de pensão e outras balelas de que haviam falado ao desgraçado antes da sua partida para a guerra... Se até no ministerio onde se di-

rijira reclamando passagem gratuita para a sua aldeia, o haviam espulso como a cão vadio...

Acossado pela fome, pois e sem dinheiro, rezolvera-se a fazer o trajeto a pé. A alguns quilômetros, porém, das portas da cidade, se lhe deparou uma formidavel quinta de cujas arvores pendiam frutos tentadores. Carlos não heitou: trepou o pequeno muro que a separava da estrada e saltou para dentro. De resto não estava aquela quinta na sua patria? Não estava ele ali justamente por ter vertido o sangue em sua defeza? E, sem procurar occultar-se, ia colhendo e comendo agradecendo-lhe o estômago com sensações inconcebiveis dum prazer inaudito!

Entretantes um estâmpido seco e formidavel, eca no espaço e Carlos cai dezamparadamente, sobre o verde e atapetado solo, debaixo duma frondosa pereira junto da qual se encontrava. O dono da quinta que o havia visto escalar o muro, correrá a caza munir-se da caçadeira e, aproximando-se quanto pode do desventurado sem por ele ser descoberto, alvejara-o quasi á queima roupa no coração.

O infeliz Carlos acabava de receber a recompensa dos seus sacrificios.

Joaquim Maujor.

rias que com o seu silêncio apoiam crimes desta natureza. Os delitos dos perseguidos de S. Paulo são os de todos os operarios que defendem com altivez os seus direitos de homens e de produtores, mesmo sofrendo as arremetidas de todos os potentados.

E' nestes momentos especiais de luta que se conhecem os verdadeiros lutadores. Não bastam afirmações teóricas. Não! Nestas ocasiões, em que cada um dá o que tem, os que se mantêm calados perante este fato são indignos de todo o seu passado, que só serviu para iludir a boa fé dos companheiros leais, como são os que permanecem enterrados nas masmorras do Recife.

Rio, 26-11-1917.

Waldemar Grace.

POST SCRIPTUM—A' ultima ora recebemos um telegrama das camaradas do Recife, participando-nos que os tres companheiros detidos naquela capital, foram embarcados no dia 12 a bordo do vapor Avari, com destino a Barbados.

A preocupação do governo em mandar para Barbados os nossos companheiros não nos é facil explicita-la. E' bem possivel que outros acontecimentos de maior gravidade tenhamos que constatar.

Que esta tomozia não oculte a premeditação de novos crimes é o que devemos dezejar. Mas se amanhã o telegrafo nos comunicar o epilogo desta comedia que o governo de S. Paulo ideou, e cujo desfecho confiou ao ministro da justiça, não nos surpreenderá: sabemos de quanto são capazes.

Com estes episodios organizaremos a historia liberal Republica e, no momento, oportuno, sabermos vingar o sofrimentos destes altruisticos batalhadores da cauza da humanidade. W. G.

Comité de Defesa dos Direitos do Homem

Balancete do festival organizado em beneficio dos operarios espulsos de S. Paulo

620 cartões a \$1000..... 620\$000

Quermesse..... 153\$400

Total 773\$400

GASTOS DA FESTA

Aluguel do salão..... 120\$000

Aderecista..... 15\$000

Impressão de 1000 ingressos 14\$000

Guarda-roupa..... 10\$000

Damas (2)..... 45\$000

Pianista..... 20\$000

Despesas com as artistas... 8\$800

..... a quermesse 6\$000

..... automoveis 17\$800

Soma 256\$600

Saldo liquido 516\$800

Distribuição do dinheiro:

Ao advogado, para habeas corpus..... 500\$000

Ajuda de custas para um companheiro ir a S. Paulo arranjando doc..... 53\$000

Duas certidões de idade... 5\$000

Aussilio a um dos espulsos 5\$000

Gastos 543\$000

Produto 516\$800

Deve o Comité á Comissão 26\$200

OBSERVAÇÕES

A' Comissão foram entregues cartões..... 999

Vendeu ou recebeu dinheiro de..... 620

Foram devolvidos..... 302

Convites para a imprensa 10

Camaradas que não prestaram contas:

Pasqual Ciciliano..... 15

Pasqual Gravina..... 10

Alves Diniz..... 11

Juvenal Leal..... 7

Ferdinando d'Alô..... 5

Francisco Dias Filho..... 4

Salvador Alacid..... 10

Modesto Ruas..... 5

Total de cartões 999

Rio, 1 de janeiro de 1917.

A COMISSÃO.

Subscrição em beneficio das familias dos espulsos de São Paulo

Do Comité pró-vitimas politicas, constituído em S. Paulo com o fim de angariar donativos em favor das familias dos operarios espulsos pelo governo de S. Paulo, recebemos uma lista de subscrição, que abrimos, a seguir, pondo-a á disposição de todos quantos deejem concorrer com a sua ajuda.

Mansel Real Pose 1\$000

Joaquim da Silva Ramos 1\$000

David Martins 1\$000

André Joaquim Ribeiro 1\$000

Americo P. Castilho 1\$000

Manuel Castro 1\$000

Joaquim Pereira Rezende 2\$000

Soma 54\$000

A vida da classe

O rejimen do avança impera no Hotel dos Estrangeiros

Conforme prometeramos no numero psado vamos proseguir nos comentarios ao rejimen aviltante que ora peza sobre os companheiros que trabalham como caixeiros no famozo Hotel dos Estrangeiros.

Dissemos, no numero passado que nesse verdadeiro e sordido antro de exploração, que se oculta sob as falsas apparencias de um grande e luxuozo hotel, os que necessitam alugar-lhe os braços, têm que possuir em lugar de competencia profissional, a espinha dorsal bastante flexivel para suportar todo o pezo dos regulamentos absurdos e vexatorios; e o leitor vai verificar pelos seus proprios olhos. Senão, vejamos:

1' Todo caixeiro que não estiver presente ao serviço até ás 7 h. 15 m. perderá o direito ao café da manhã.

2' Todo e qualquer empregado que for pillado em "flagrante delito" a a comer um pedaço de pão, será multado de 3\$ a 5\$ segundo o criterio da jerencia.

3' O caixeiro que tenha a "ouzadia" de comer uma banana ou uma laranja será punido com o mesmo rigor do artigo anterior.

4' Toda a louça quebrada, pelos caixeiros ou ajudantes, é-lhe descontada ao ordenado por meio de um vale que lhe apresentam sem nenhum detalhe ou explicação que, ao menos possa servir de consolo á vitima.

Qualquer empregado que for apanhado lavar-se nabitica que (é apenas e escluizivamente destinada á lavagem das mãos), sofrerá uma multa de 5\$, ainda que seja uma simples molhadura no cabelo.

E basta. Cremos que, como demonstração do que afirmamos é por demais sufficiente.

Os patrões tidos como mais amigos de estorquir os seus empregados, com certeza terão muito que aprender neste manual de exploração.

Por ai poderão os companheiros ter uma ideia aproximada das condições de trabalho no Hotel dos Estrangeiros, intairando-se das revoltante injustiças que diariamente são cometidas.

Para que os proprietarios os de confeitarias leiam

O banquete realizado a 23 de outubro no Club dos Diarios servido, pela Confeitaria Pasqual, foi por algum tempo o "panaché de grelo" dos garçons, a proposito de certas critica que lhe foram feitas. Este artigo vem, pois, em referencia a essas criticas dirigidas imprópriamente aos garçons que nele trabalharam.

Convem apontar aqui os cauzadores do fracasso "tecnico" dos garçons no banquete do dia 23, e para isto chamamos a atenção do proprietario da Confeitaria Pasqual, para assim evitar o descredito de seu estabelecimento e a desmoralização de uma classe que possui pessoal habilitado para todos os mistéres mas que pelo sindicato, formado sob a firma Marinho, Ramozinho, Barbozinha, Eduardo, (mais conhecido pela alcunha de "Abade") que autorizado pelo chefe de serviços para arranjar pessoal necessario para completar a lista com maxima presteza dão cabal desempenho a missão de que são encarregados, porém não deixam de ter as suas canseiras de cabeça, pois que, (e o caso não é para menos) é preciso estudar o meio de falar com aqueles que no entanto facilmente se deixam esca motear em cinco mil réis dos 25\$000 que a confeitaria paga por serviço, e como na classe ha individuos que, conscientes dos seus deveres e preparados para se apresentarem em qualquer banquete, não consentem em serem explorados por essa comandita, eis a razão de se darem cazos desses.

O pessoal que trabalhou no banquete do dia 23 na sua maioria eram todos garçons que durante todo o dia estiveram trabalhando em casa do patrão; será possível um garçon depois de trabalhar todo o dia apresentar-se limpo, decente para servir um banquete? Cremos que não.

Venho sugerir ao senhor proprietario da Confeitaria Pasqual o destino que deve dar a essa comandita: ao Marinho está reservado um logar na Praia das Saudades, o Ramozinho para o muzeu nacional, o Barbozinha para derreter manteiga, o Eduardo (abade) para sacristão... só assim poderá sanear a porta do seu acreditado estabelecimento desse elemento que só procura dezacredita-lo.

A. A. B.

Um patrão "vigarista"

Um patrão tipico, que representa a mais clara cristalização dos ideais aladroados da sua classe, é esse proprietario do restaurant da rua da Assembléa n. 109, um tal sr. Eduardo. Imaginem que esse senhor acaba de inventar um processo seguro e infalivel para arrancar o couro e o cabelo aos sets empregados.

Mas, espiquemos sem mais preambulos, a nova fórmula de "conto do vigario" de invenção do Eduardo que, provavelmente, já se terá dirijido ao Ministerio da Agricultura, Industria e Comercio a requerer uma patente de invenção: O sr. Eduardo possui uma maquina rejistadora. Essa maquina rejista os pratos que são servidos aos freguezes pelos caixeiros. Lá para as tantas do dia, o sr. Eduardo ou o seu digno parceiro, o jereute, faz os seus calculos, e, vai d'ai concluir que o caixeiro já terá arranjado uns trez ou quatro mil reis, e — zaz! —lança-lhe outro tanto á conta! E quando ao fim do dia o caixeiro vai a verificar a sua féria dá pelo furto de que foi vitima: reunidas as gorjetas á féria, o dinheiro não chega, porque o sr. Eduardo rejistou na respetiva letra do caixeiro pratos que o mesmo não vendeu!

E assim o sr. Eduardo conseguiu inventar um sistema especial e inteiramente inédito de apoderar-se do dinheiro do freguez e do caixeiro.

O jereute, por sua vez, segue as pégado do seu amo: quando quando o caixeiro está de folga, ele serve o freguez e rejista a despeza na féria do caixeiro, quer dizer, ele embolsa o dinheiro e quem "jeme" é o pobre diabo que esta auzente.

Bem dignos um do outro...

O QUE TODOS DEVEM FAZER

Para que o Cosmopolita possa ser o massimo dos nossos jornales coletivos torna-se sempre mais necessario que todos os membros da classe lhes prestem apoio moral e material associando-se.

Só assim poderão cumprir a sua elevada missão.

O Secretario.

GARÇÕES! RECOMENDE A O

Cognac MARTELL

A grande marca Franceza. E' melhor e mais popular



O que é o Vermutin

E' um aperitivo-estomacal moderno, elegante, original, que se toma puro, gelado com agua, syphon ou misturada com outro.

E' uma bebida deliciosa, com poderes tonico digestivo-nervinos e virtudes, RADIO-ACTIVAS, que influem no rganismo, rejuvenescendo a todos que fizerem uso.

Notae o paladar delicioso que fica na bocca depois que se bebe O VERMUTIN! tome gelado que é delicioso!

O appetite renasce, a juventude se conserva se prolonga, a velhice adquire novos reforços para resistir aos seus efeitos!

Tomae sempre, repeti as doses de 3 a 4 calices por dia e ao fim de 15 dias sentireis os beneficios do RADIO APERITIVO INDIANO — VERMUTIN — doDr. Eduardo França.

encontra-se em todos os hotéis, restaurants, cafés, confeitarias bars, botequins e armazens.

unicos depositarios: Mou- & C., Rua do Rozario, 133 —Concessionarios: Coutinho Neves & C., Rua Buenos Aires, 96 (sobrado.)



CASA TIMTIM POR TIM

SEMPRE NA PONTA Especialidade em petisqueiras a portugueza E COM ELLAS E SEM ELLAS Aberto até 1 Hora da doite DURAN & BARBOSA Rua do Lavradio n. 41 Telefone 3229 RIO DE JANEIRO

Telefone 3229 RIO DE JANEIRO

Fabrica de Cerveja Oriente de José Vasquez Ferro Rua Visconde do Rio Branco 30



GARIBALDI Pitoresco parc ao ar livre (Entrada pela rua da Consti tuição 53) TELEFONE C. 1573 Rio de Janeiro

TELEFONE C. 1573 Rio de Janeiro

Bar Fidalga QUINTA DA BOA VISTA

O parque mais frequentado desta capital Licores, vinhos finos e de todas as qualidades, cervejas, refrescos, sandwichts e e comidas frias.

Serviço feito com todo o asseio e promptidão

M. J. PIRES Tel. 4296 - Vila

GRANDE TINTURARIA LONDRES

Rau 7 de Setembro, 147

Entre Uruguyana e Travessa de São Francisco de Paula

Casa das duas Portas Largas. Ao lado das afamadas camas arame

Serpe

concertos e

TEL

Tinturaria RUY

Especialidade

Concerta-se

MORAES & MOREIRA

Tinje-se luto em 24 horas, todas as cores e lava-se toda e qualquer qualidade de fazendas de seda, la, algodão, etc. — Tira-se mofo de qualquer fazenda e passamento a ferro; tra-

balho com perfeição.

Rua Senhor dos Passos, 96 Tel. 4803-Norte—RIO DE JANEIRO

COMPREM

Jaquetas de alpaca..... 25\$000

Jaquetas brancas..... 10\$000

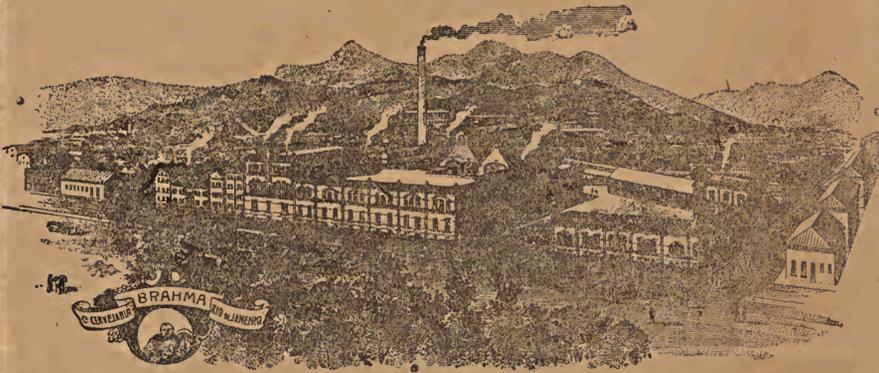
Alfaiataria Barra do Rio 200, Rua 7 de Setembro, 200

Companhia Hanseatica

Bebam as cervejas Polar, Cascatinha, Iracema e Sumaré

Fabricadas com agua da Tijuca, captada na propria nascente

Cervejaria Brahma



Recomenda as suas
afamadas marcas :



Fidalga Malzbier Brahma Porter

que são as preferidas pelas pessoas de bom gosto

BEBAM

CAXAMBU

A soberana das
aguas de meza

RIO DÃO O vinho de meza
preferido

IMPORTADORES

J. Ferreira & C.

Cerveja Park Bier. Estomacal
e nutritiva

PRAÇA TIRADENTES, 27

ALFAIATARIA SANTOS DUMONS

Especialidade em
jaquetas de alpa-
ca e brancas para
"garçons" de res-
taurants, cafés, bars, brasseries, etc., etc. — Preços modicos

192, Rua 7 de Setembro, 192

CENTRO COSMOPOLITA

Séde: RUADO SENADO 215--217
(TELEFONE 1499 CENTRAL)

Esta sociedade, fundada em 31 de Julho de 1903, incumbese de fornecer ás exmas. familias, confeitarias, hotéis, restaurants
clubs, bars e demais cazas deste ramo, pessoal competente
para banquetes, cazamentos, pic-nics, etc. etc., não só na capital como no interior, responsabilizando-se pelo mesmo

Aluga o seu vasto salão para festivais, conferencias e outros atos de reconhecida moralidade

Atende e chamados todos os dias uteis das 7 ás 22 horas e aos domingos até ao meio dia

"Caza Rist"

Depozito excluzivo de produtos
nacionais

VINHOS E CONSERVAS

Rua 7 de Setembro n. 77

Telefone 455 - Central

BEBAM

SALUTARIS

A Rainha das

Aguas de Meza